

3 VEZES FAVELA: O SANEAMENTO PERIFÉRICO NA CIDADE-MODELO NITERÓI RJ

Wilson Madeira Filho

*Professor Titular da Faculdade de Direito e do Programa
de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da
Universidade Federal Fluminense
wilsonmadeirafilho@hotmail.com*

Resumo - Este trabalho explora as dinâmicas e os desafios do saneamento periférico em Niterói, RJ, através de visitas a três comunidades: Morro da Chácara e do Arroz, Morro do Estado e Morro do Palácio. Com base nas observações de campo e na compreensão das dificuldades enfrentadas, o estudo propõe uma estratégia "multiportas" para o fortalecimento da atuação de associações de moradores na resolução de problemas de saneamento.

Palavras-chave: Conflitos socioambientais; Saneamento: Favelas.

Introdução

O presente estudo aborda a complexa realidade do saneamento básico em comunidades periféricas da cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro. A pesquisa busca traçar um perfil exemplificativo dos problemas presentes nessas áreas, especialmente em morros de maior adensamento populacional, onde as carências infraestruturais são mais acentuadas. A análise das condições locais, a partir de observações diretas e interação com lideranças comunitárias, visa evidenciar as deficiências e a resiliência dessas populações, culminando na proposição de uma estratégia de ação para associações de moradores, buscando um caminho mais eficaz para a resolução dos problemas de saneamento.

Nesse sentido, buscando traçar um perfil meramente exemplificativo, com visita a algumas das comunidades periféricas, de modo a averiguar os problemas presentes, após entrevista com Manoel Amâncio de Souza, presidente da Federação de Associações de Moradores de Niterói (FAMNIT), este indicou o que eu já suspeitava, que comunidades até maiores e mais carentes ficavam em áreas planas e, consequentemente, não teriam grandes problemas com o abastecimento de água, uma vez que meios alternativos como poços artesianos eram utilizados. O problema central nessas áreas seriam as ligações clandestinas de esgoto, em geral com tubulações levando a cursos d'água. Os problemas mais graves, por óbvio, estariam nas encostas e nos morros de maior adensamento. Nesse sentido, o próprio centro da cidade de Niterói poderia ser o melhor extrato de exemplos. Selecionamos, então, uma comunidade grande, a maior da área urbana, o Morro do Estado, uma comunidade de médio porte, o Morro do Palácio, e uma comunidade pequena, o Morro da Chácara e do Arroz. Amâncio passou-me os contatos dos dirigentes da FAMNIT nesses locais e marquei as visitas.

1. Morro da Chácara e do Arroz

Fomos recebidos¹ pelo Alex (Alexandro Souza da Silva) e pela Glace Mara Ventura da Silva. Ambos simpaticíssimos. Alex tem 36 anos de idade e já é pai de onze filhos com quatro mulheres. Chamei-o de Mr. Catra da Chácara! Glace é ativa, faz de um tudo, já foi assessora na Prefeitura Municipal, trabalha com produção de filmes, trabalhou na produção da série *Arcanjo Renegado* da Globoplay organizando as filmagens no Complexo da Maré e na Rocinha, série onde, aliás, nos informou, haveria dois moradores da Chácara como atores na nova temporada. Estão a organizar um baile de música antiga na sede da Associação. Adorei, mesmo sem saber qual o conceito deles para música antiga, imagino que sejam as músicas da minha juventude nos anos 80, e já fui convidado. Também comentaram que ninguém entre os políticos se interessava em vir na comunidade. “Só pra pedir voto! Estamos pensando em bloquear, não deixar ninguém subir ano que vem que é ano de eleição”, disse Gleice. “E olha que somos parceiros da prefeitura, mas ninguém tem voltado aqui, até a direita na eleição nos procurou, com promessas, mas a direita não sobe morro”, completou.



Grafite na Casa da Bomba, logo à entrada da Comunidade do Morro da Chácara. Foto do autor.

Na realidade trata-se de duas Comunidades, a do Morro da Chácara e a do Morro do Arroz, que acabaram se cornubando. A história do Morro da Chácara e do Arroz, uma comunidade de Niterói, remonta a meados do século XX, com registros de ocupação datados de pelo menos 1950. Originalmente, a área era uma chácara de solo fértil, o que atraiu os primeiros moradores que ali se estabeleceram, formando um pequeno núcleo residencial². No início de sua formação, a comunidade enfrentou tentativas de remoção por parte da prefeitura, que visava realocar as famílias para outras regiões da cidade. No entanto, a resiliência dos moradores que decidiram permanecer fincou raízes profundas, e são os descendentes e continuadores dessa resistência que habitam o local até os dias atuais.

Um marco significativo na organização da comunidade foi a fundação da Associação de Moradores em 1970. Desde então, essa entidade tem desempenhado

¹ Nessa visita de campo e na seguinte, realizadas em 09 de julho de 2025, fui acompanhado de Ubiratan Alves da Silva, técnico-administrativo da Faculdade de Direito da UFF, que participa de maneira operacional da maioria dos projetos que coordeno pelo Laboratório de Justiça Ambiental, e por Pedro Henrique Evangelista Figueiredo, aluno da graduação de Direito da UFF e bolsista de iniciação científica, já no intuito de desenvolver com ele novo projeto, o de cadastramento de famílias nessas comunidades para futura criação de programa de hortas comunitárias junto ao projeto “Direito Humano à Alimentação Adequada”. Na terceira visita, realizada em 11 de julho de 2025, ao Morro do Palácio, fomos apenas eu e Pedro Henrique.

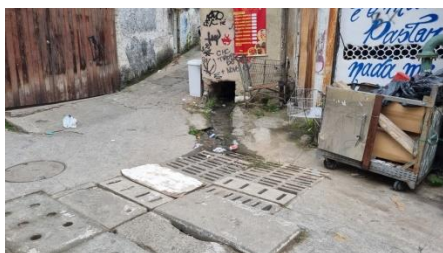
² NÚCLEO DE ESTUDOS E PROJETOS HABITACIONAIS E URBANOS (NEPHU). *Morro da Chácara e do Arroz*. <http://nephu.sites.uff.br/programa/mapeando-conflitos/mapeando-comunidades/comunidades-de-niteroi/morro-da-chacara-e-do-arroz/>

um papel crucial na busca por melhorias e na representação dos interesses locais. Seus objetivos iniciais eram ambiciosos, focando na pavimentação e na gradual urbanização da comunidade, em parceria com a prefeitura. Além das metas infraestruturais, a associação também promoveu importantes iniciativas sociais, como os programas de "banco de leite" e "banco de alimentos", visando mitigar carências básicas dos residentes. Contudo, apesar desses esforços, a infraestrutura da Chácara e do Arroz ainda é consideravelmente limitada, e muitas das ações planejadas não conseguiram ser mantidas ou totalmente implementadas ao longo do tempo.



Morro da Chácara e Arroz, imagem área de 2018. Fonte: NEPHUR - <http://nephu.sites.uff.br/programa/mapeando-conflitos/mapeando-comunidades/comunidades-de-niteroi/morro-da-chacara-e-do-arroz/>

As primeiras questões com que deparamos na visita, foram a Casa da Bomba, a situação da rua de entrada do Morro da Chácara e, ainda que não fosse parte de nosso foco, a situação da fiação elétrica. A Casa da Bomba, operada por um funcionário aposentado, com pendência na renovação de contrato junto à Águas de Niterói/Águas do Brasil, e que continuava a trabalhar voluntária, segundo nossos anfitriões, tinha uma bomba que era a mesma há mais de 50 anos. Logo, era impossível conseguir chegar às caixas nas casas da parte mais alta, que sequer existiam há 50 anos atrás, sendo necessário ligar mais vezes, e improvisar para garantir o abastecimento, o que, por sua vez, exigia ainda mais do maquinário antigo. A situação da rua impressionava, com vazamento de água e de esgoto e lixo espalhado na maior parte, ainda que existisse mais de uma caçamba no local e passava um catador que estacionou o seu carrinho, tudo isso ao lado do prédio da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) e a 50 metros da Escola de Enfermagem da UFF e de uma das principais ruas do Centro de Niterói, a Rua da Conceição. Por fim, logo na ladeira de subida do Morro da Chácara deparamos com um ameaçador emaranhado de fios e postes sustentados de forma improvisada.





Vazamento perto da Casa da Bomba, foto minha; Ubiratan, eu e Gleice, em foto de Pedro Henrique defronte à caçamba de lixo, nessas duas primeiras fotos é possível ver o carrinho do catador de lixo de rua; foto de um poste com método improvisado para não tombar, foto minha; e foto de trabalhador iniciando a subida com material de construção para uma obra mais ou menos na altura da casa de muro verde claro que se vem bem lá encima, é a única maneira de levar o material necessário para a obra, foto minha.

Na escola defronte onde paramos par trocar impressões, escutamos os ensaios das crianças para uma festa julina. Logo uma jovem grávida, possivelmente prestes a parir passou por nós, seu rosto contraído, seus gestos, a forma de andar e olhar sugeria que estava drogada e indo a busca de mais alguma coisa, crack, presumivelmente. Informaram-nos que ela ainda fora atropelada na semana anterior. (Depois, conversando com Pedro Henrique este me disse que foi acena que mais o impressionou: “Aquele criança, fruto de um ventre insalubre, destruído pelas drogas, nascerá num mundo igualmente insalubre, onde baratas e ratos passam pelos pés de crianças arrumadas para a quadrilha da escola... O que esperar de uma criança que nascerá “às margens do paraíso”? Chegar à vida adulta já seria, por si só, uma vitória incontestável”).

Na subida, passamos por uma série de vazamentos, fossas quebradas, canos saindo do nada para lugar algum ou despejando material em muros vizinhos. Paramos no alto, na altura da obra a que viramos um rapaz carregando o material. Era uma nova casa e os canos simplesmente chegavam até o lado de fora, depois se veria o que fazer. Os três trabalhadores estavam também a pavimentar uma queda do barranco logo depois, para viabilizar a passagem e mesmo a entrada na casa. Um dos vigias do tráfico (já havíamos passado por outro) fazia ponto ali perto e naturalmente o abordamos, nos apresentando e dizendo o motivo de nossa visita. Deixou-nos à vontade e, constrangido, talvez por sermos da universidade e isso eventualmente representar no seu imaginário uma melhor perspectiva de vida, disse que agora estava no Crime, pois precisava sobreviver. Logo adiante, uma árvore tombara sobre uma casa e as situações de risco se ampliavam conforme se subia.





Vazamento; tampa de fossa quebrada e com entulhos; canos saindo casa em construção; árvore tombada sobre casa; casa condenada pela Defesa Civil – fotos minhas.

A comunidade enfrenta uma ameaça constante de desastres naturais. Os deslizamentos e desmoronamentos são eventos recorrentes, evidenciados de forma dramática em diversos momentos, como em 2018³, quando grandes ocorrências exigiram a interdição de diversas residências pela Defesa Civil. Essa vulnerabilidade geológica impõe um estado de alerta permanente, demandando intervenções mais eficazes e preventivas para garantir a segurança dos moradores.

A parte de cima do Morro da Chácara emendara no Morro do Arroz onde a situação ficava ainda mais dramática, com casas ainda menos estruturadas, muitas vezes contíguas, vazamentos mais expostos e lixo generalizado pelas encostas. A vista abrange o centro da cidade e a câmara de Vereadores, e alguém sugeriu que com um megafone talvez fosse possível solicitar auxílio diretamente aos vereadores, que só subiam ali em época de eleição. Um antigo campinho de futebol era ainda pleito da Associação para auxílio municipal para reativá-lo, eis que também já fora local de festas. Alex informou a Ubiratan que daquele campinho já saíra craques para o Fluminense.

Uma antiga plataforma para desembocar o lixo para as caçambas no asfalto encontrava-se totalmente quebrada e estava milagrosamente sustentada por um tronco de árvore e por um fio de alta tensão, podendo resultar em desastre a qualquer momento. Ainda assim, um colchão sinalizava que estava sendo utilizada como local de dormida. Numa única casa, um pequeno jardim trazia, com sua beleza, curioso contraste.



³ SALLES, Stéfano. Chuvas fortes agravam drama de moradores do Morro do Arroz, em Niterói: prefeito libera R\$ 15 milhões para obras, que aguardam as licitações. *O Globo*, 05/03/2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/chuvas-fortes-agravam-drama-de-moradores-do-morro-do-arroz-em-niteroi-22452310>



Novos pavimentos numa casa; casa à beira de encosta; lixo entulhado e encanamento desembocando para o terreno de baixo; cano instalado pela Águas de Niterói; campinho a ser recuperado; detritos; vista do Centro da cidade com a Câmara de Vereadores ao fundo; lixo nas encostas; bueiros entupidos com restos de obra; antiga plataforma de lixo prestes a tombar; um belo canteiro – fotos minhas.

A visita ao Morro da Chácara e do Arroz revelou imediatamente o pulsar humano da comunidade, materializado na acolhida de figuras como Alex e Glace. Suas histórias individuais, do peculiar contexto familiar de Alex à multifacetada atuação de Glace na vida comunitária e cultural, pintam um quadro de resiliência e inventividade. A promessa de um "baile de música antiga" é um eco do espírito cultural vibrante e do forte senso de pertencimento que floresce, independentemente das visíveis carências estruturais e dos históricos desafios enfrentados pela área, sublinhando a capacidade de seus moradores de forjar identidade e aspirações.

Contudo, por trás dessa camada de vitalidade, a narrativa descortina uma realidade de persistentes adversidades. Desde a infraestrutura hídrica precária e a generalizada questão do saneamento básico, passando pela fiação elétrica improvisada e os riscos ambientais de deslizamentos, a comunidade convive com desafios cotidianos expressivos. Ainda assim, em meio a esse cenário exigente, a longa história de resistência, o papel contínuo da Associação de Moradores e os sinais de esperança, como o pequeno jardim que contrasta com o entorno ou o desejo de revitalizar espaços de convívio, evidenciam uma determinação inabalável. Trata-se de uma comunidade

que não apenas subsiste, mas que se empenha ativamente na busca por melhorias e um futuro mais digno para o seu lar.

2. Morro do Estado

Ao descermos pelo Morro do Arroz em direção ao asfalto já saímos defronte ao Morro do Estado. Essa proximidade, inclusive, volta e meia é motivo de fortes conflitos entre grupos armados e facções distintas do tráfico⁴. Logo ao chegar, ao nos ver junto com as lideranças da Associação do Morro da Chácara e do Arroz, julgando provavelmente sermos técnicos da prefeitura ou da Águas de Niterói, fomos abordados por moradores, especialmente pelo Koesberg. Apresentamo-nos devidamente, informando o que estávamos a fazer e ele, por sua vez, disse ter sido Presidente da Associação de Moradores, que era jornalista, e que possuía um veículo de comunicação chamado *Seja Voz Não Eco*⁵. E nos mostrou um problema sanitário, logo nas primeiras ruas da comunidade, um cano que estourara e acabara danificando a escada de acesso a uma sequência de casas.



Escada quebrada (com cano que passa por dentro); fossa destruída (em um dos degraus da escada) – fotos minhas.

Em seguida, seguimos para o prédio da Marinha logo adiante, local em que marcara de encontrar o Presidente da Associação, o Ricardo, que nos recebeu com toda gentileza, empolgação, energia e atenção, enquanto tratava com um técnico local para consertar uma torneira, da casa da mãe dele, que precisava da rosca certa. Subindo a ladeira já deparamos com duas viaturas da polícia. Ricardo, talvez para desviar nossa atenção, apontou para uma venda fechada na calçada, que aquilo era um absurdo, que os moradores do prédio defronte estavam a reclamar, pois ocupava a calçada e só abria à noite.

⁴ MARTINS, Felipe. Tiroteio no Morro do Estado, em Niterói, obriga shopping a fechar as portas. *O Dia*, 23/04/2024. <https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-04-23/tiroteio-no-morro-do-estado-em-niteroi-obriga-shopping-a-fechar-as-portas.html>

⁵ Não localizei blog nem jornal, apenas o Instagram de Koesberg, com posts denunciastas e marcadamente ideológico, mesmo com loas a Olavo de Carvalho e em defesa da família Bolsonaro. Entrei em contato e Koesberg confirmou se tratar do Instagram.



Morro do Estado – imagem aérea de 2018. Fonte: NEPHUR - <http://nephu.sites.uff.br/programa/mapeando-conflitos/mapeando-comunidades/comunidades-de-niteroi/morro-do-estado/>

Logo adentramos vielas, passagens entre casas, saindo por um canto e entrando por outro. Logo o primeiro morador que vimos, foi um estudante nosso, aluno da graduação da Faculdade de Direito da UFF, descendo o beco apressado. Pedro Henrique o abordou, mas ele vazou, devia estar atrasado para a aula. Albernaz⁶ comenta, nesse sentido:

Observa-se nessas áreas de favelas próximas à Universidade um fenômeno que tem sido chamado por alguns de “invasão uffiana”. Além de diversos projetos conjuntos de extensão e de pesquisa acontecendo nas favelas de Niterói, ocorre ainda que algumas delas tornaram-se opção de moradia para os/as estudantes universitários. Muitas vezes vindos de outras regiões (até de outros países!), esses/as estudantes, em busca de condições acessíveis de moradia próximas à Universidade, têm impactado sensivelmente o mercado imobiliário de favelas como o Morro do Palácio e do seu vizinho Lara Vilela (ou Morro do 94), situados entre os campi da Praia Vermelha, Gragoatá e a Faculdade de Direito da UFF. Moradores e moradoras com alguma reserva de capital aproveitam o movimento para construir e/ou reformar propriedades e oferecê-las ao público universitário[Notas 30] Para aqueles/as que não dispõe dessa reserva financeira, entretanto, o encarecimento do custo de vida puxado pelos preços dos aluguéis na favela tem sido objeto de insatisfação.

Mas nem só de projetos de pesquisa e extensão e questões de moradia se nutre a relação da UFF com as favelas da cidade. As “chopadas” e a Cantareira, área de bares situada ao lado do campus do Gragoatá, também são pontos de encontro, não só para o público universitário, mas também para os moradores e moradoras das favelas de Niterói em busca de agito, boa companhia, música alta e cerveja gelada e barata. Além disso, muitos dos “barraqueiros/as” da Cantareira, bem como funcionários e funcionárias de barracas, bares e restaurantes nos arredores da praça, são também moradores de favelas próximas.

“Vocês querem é ver problemas de saneamento? Pois vão ver problemas” ia dizendo Ricardo enquanto subíamos. E, de fato, vimos diversos canos rachados, tampas de fossa e de caixas de passagens quebradas, torneiras vazando, lixos nos

⁶ ALBERNAZ, Elizabete. Favelas de Niterói. Wiki Favelas. https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Favelas_de_Niter%C3%B3i#sdfootnotel4sym

cantos, poças de esgoto, encanamento de um vazando na casa do outro etc. “O problema, às vezes, é o próprio morador”, continuava Ricardo, sempre dinâmico, ao mesmo tempo falando com um ou saudando outro pelo caminho, “o morador vem e, para resolver o problema dele, quebra a calçada, enche de entulho e acaba prejudicando o coletivo!”.



Viela com água escorrendo; desníveis na comida; outra viela com água escorrendo; esgoto transbordando; lixo jogado; esgoto escorrendo; tampas de fossa quebradas; esgoto escorrendo – fotos minhas

Ricardo foi nos mostrar as caixas d’água, uma de tamanho imenso que recebe e distribui para outras. No caminho, o técnico aposentado da Águas de Niterói, mas que ainda continuava trabalhando com um contrato novo, nos contou sua história. Que mexia naquelas bombas e caixas há mais de 40 anos (estava justamente com uma ferramenta na mão para realizar um conserto). Tudo começara quando ainda era jovem, desempregado, já casado e com filho. “Na época só havia barracão de madeira”, dizia ele”. Sentado num canto, sem saber o que fazer, ouviu dois engenheiros que conversavam, precisavam localizar com urgência alguém na comunidade) que pudesse cuidar da Caixa d’água. Levantara e falou “Eu! Isso aí me interessa”. E lá estava ele ainda ali, tantos anos depois, já com treze netos.

Em seguida chegamos ao campo de futebol, ainda repleto de banheiros químicos, resultado da grande festa (baile funk) que ocorrera no final de semana anterior. “A prefeitura tem que vir tirar isso daqui”, repreendia Ricardo, e logo o rapaz da mercearia pergunta-lhe uma coisa, uma senhora que passava lhe cobrava outra e Ricardo, sem se incomodar, respondia a todo mundo. Dava pra notar seu orgulho em ser procurado e respeitado como liderança. Logo notamos num bar um cartaz da época da eleição onde ele aparecia como candidato. Claro, perguntei a respeito. “Pois é”, começou ele, “todo mundo aqui me conhece, falo com todo mundo, pessoal então me

convenceu a sair pra vereador...”. Mas as coisas não deram muito certo, a verba do Partido dos Trabalhadores não chegou nele, ficou com os majoritários da campanha. Uma deputada candidata à reeleição foi a única que, na última hora, lhe endereçou alguma verba, que deu para pagar 10 mil “santinhos”⁷. “Resultado, tive 700 votos...” Sua decepção, afinal ali havia milhares de habitações, com uma população que só crescia, tinha um toque cômico e até de certo alívio. “Os caras depois reclamam, mas na hora de votar, escutam promessas em troca de uma ajuda e depois o candidato nunca mais aparece por aqui. Mas, quer saber, tô é feliz, gosto é dessa vida, gosto de ajudar um, ajudar outro, quero nada com política não!”. Mas, em seguida, confessou que tinha um trabalho na Prefeitura.

Seguimos para ver, ruas adiante, o resultado de um vazamento de esgoto num local que ficara conhecida como “largo do merdalhão”. O muro quebrado indicava a contaminação e altura que o esgoto chegara, contaminando, infiltrando e destruindo. Os vizinhos que tiveram de se cotizar e fazer toda a obra, agora regularizada. No momento em que contava a história uma vizinha veio participar. “Diretor? Bira?”. Nos reconheceu, aludia a mim por ter sido o Diretor da Faculdade de Direito da UFF à época em que ela trabalhou lá na equipe de faxina, e a Ubiratan, que fora na época o supervisor local dos contratos com firmas terceirizadas⁸. E corroborou a história, acrescentando o esforço coletivo da família dela e dos vizinhos, que aliás apareceram também para recontar a história.

Ainda fomos mais adiante conhecer a casa considerada por Ricardo a mais pobre de todas. De fato, nem casa era, mas uma lona azul, sobre um terreno, com móveis que eram verdadeiros entulhos, certamente recolhidos do descarte dos demais moradores. “Até acho que tudo melhorando com o serviço de água e esgoto a gente deve pagar uma tarifa, sendo uma tarifa social”, comentou Ricardo. “Mas não em casos como esse”. E a única moradora, já idosa, nos olhava assustada.

Íamos continuar para o outro lado do Morro do Estado, quando souo o primeiro tiro. Ricardo mostrou um semblante apreensivo. Recordei o movimento que ele fizera antes quando passáramos pelos carros da polícia, já devia estar suspeitando que poderia ocorrer eventual confronto. “Não há como seguir por aqui. Não é nem problema com o tráfico, pois estando com a gente tá tranquilo. Mas quando começa um barulho desses não é garantido pra ninguém”.



⁷ “Santinho” é uma referência aos panfletos políticos geralmente só com a foto, partido e o número do candidato. O termo teria vindo de antigas eleições, desde o século XVI, quando se distribuíam literalmente santinhos (imagens de santos) com o carimbo dos candidatos que disputavam os eleitores em torno das paróquias. (TV BRASIL. Você sabe o porquê do nome “santinho” para panfletos políticos. <https://www.youtube.com/watch?v=bAq4UvuUTAk>)

⁸ Em 2019 a UFF rompeu o contrato com a firma, contratando com outra empresa terceirizada, o que levou a diversos protestos de alguns diretores e dos sindicatos pela demissão dessa e de outras equipes que trabalhavam conosco havia muitos anos. Na ocasião organizei uma homenagem, colocando no saguão da faculdade uma placa com o nome de toda a equipe.



Caixa d'água grande; caixa d'água de redistribuição; trabalho de recuperação do "largo do merdalhão"; poste num larguinho; vista do Niterói Shopping, obra de contenção de encostas – fotos minhas.

No retorno, dois acontecimentos curiosos: no primeiro, um trabalhador, pintor e pedreiro, reformava um ambiente ao som de um *rock and roll* tocado bem alto, o que não era muito comum, posto que o *funk* (sempre bem alto) era praticamente a música oficial em todas as vielas e caminhos. Paramos para assistir, pois em dado momento ele veio empolgado para a rua e dançava quase num estilo *moon walking*. Pedro Henrique se animou e logo ele lhe ensinou os passos básicos e os dois dançaram. Praticamente em seguida, Ricardo depara com a mãe, 86 anos, caminhando de bengala e trazendo a torneira na mão. Lembram da torneira que Ricardo carregava logo no início da subida? Pois é, a mãe não quisera esperar e fora ela mesma resolver. "Mãe, que isso", dizia Ricardo, "eu já ia buscar, a senhora não está mais na idade descer essas ladeiras todas", lamentava. Beijou-a, tomou-lhe a benção e falou que a mãe não tinha jeito mesmo, não conseguia ficar parada mesmo naquela idade.

A jornada pelo Morro do Estado, entre as fendas de seu saneamento precário e as dinâmicas sociais complexas, desvela uma paisagem urbana de paradoxos pungentes. Em meio à crueza da infraestrutura falha e aos ecos de conflitos territoriais, pulsa a resiliência inabalável de uma comunidade que se tece em atos de liderança e solidariedade cotidianas. A presença policial, o estudante universitário apressado e a figura do presidente Ricardo, que encarna a alma combativa do morro, compõem um mosaico humano onde a luta por dignidade e reconhecimento se manifesta em cada esquina, em cada sorriso, e em cada cano rachado que insiste em vaziar a verdade de uma realidade negligenciada, mas nunca silenciada.

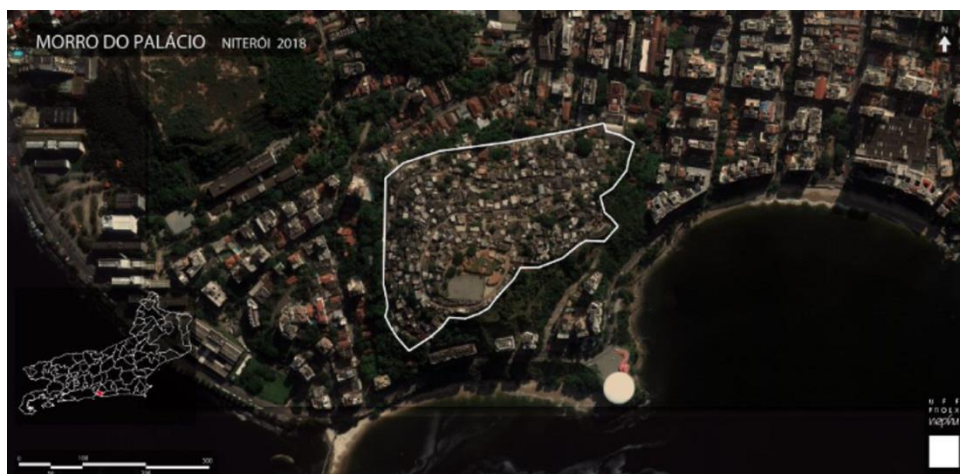
Assim, o Morro do Estado transcende a mera representação de um problema social para emergir como um palco de vida que ensina ao professor pesquisador a reaprender. As águas que escorrem sem destino, as caixas d'água que nutrem a vida coletiva e a obstinação de uma mãe em desafiar a ladeira com a torneira na mão, são fragmentos de uma narrativa maior sobre a capacidade de forjar existência e esperança nas bordas da metrópole. Este lugar, onde o acadêmico se encontra com o prosaico, e o lirismo se revela na teimosia de viver e reconstruir, oferece uma reflexão profunda sobre a urbe que se ergue, não apenas em concreto e asfalto, mas no indomável espírito de quem a habita.

3. Morro do Palácio

O Morro do Palácio fica logo por detrás da Faculdade de Direito da UFF. O nome Palácio alude ao fato de que o Museu do Ingá, ao lado da Faculdade de Direito e com o mesmo estilo arquitetônico fora, até 1973, quando se dera a fusão com Rio de Janeiro e Niterói deixara de ser a capital fluminense, sede do governo estadual. Por mais de 30 anos vivenciei aquela vizinhança. Como pesquisador da dinâmica política urbana já realizara reuniões com a Associação de Moradores. Junto com Córta Hisae Monteiro da Silva Hagino, na época minha orientanda como bolsista de iniciação científica, realizamos projetos lá. Anos depois, enquanto Diretor da Faculdade de Direito da UFF

iniciamos grande projeto esportivo, que incluía, entre outros, treinamento em futebol e judô, com instrutores. A partir de uma iniciativa do professor Ronaldo Lobão, sediamos o campeonato das favelas e combinei com o técnico do time do Morro do Palácio que os treinos se dariam na quadra coberta da faculdade. Enfim, aquela comunidade me era a mais familiar.

Marcara com Salgadinho, diretor da FAMNIT, de fazer a visita. Só que ele não estava conseguindo sair do trabalho no mesmo horário e pediu para irmos no dia seguinte com a Elis do Cachorro Quente. Era necessário ir de dia, com a luz do sol, para averiguar melhor. Só que era uma sexta-feira, a Elis tinha cabelereiro e, sabem como é, nunca termina na hora, e ela pediu então ao filho Yago que fosse conosco e me avisou pelo whatsapp. Fomos com o Yago, jovem com brilho nos olhos, ativo e inteligente, além de ser o amor da mamãe.



Morro do Palácio – imagem aérea de 2018. Fonte: NEPHU - <http://nephu.sites.uff.br/?s=Morro+do+Pal%C3%A1cio>

Yago perguntou se queríamos ir pelo asfalto ou pelos becos. Optamos pelos becos, por óbvio. Para chegar na primeira subida, subimos a rua Onze de agosto, e logo notei um salão de cabelereiro que não conhecia. Comentei, brincando que volta e meia precisava de um (sou careca) e Yago falou entusiasmado de que havia cursos para cabelereiros na comunidade. E logo, ao pegar a primeira escadaria, mostrou-nos alguns vazamentos, torneiras pingando, lixos não recolhidos, vazamentos. Logo, após subirmos bem, entrou numa casa, onde o esgoto vazava bem próximo a uma máquina de lavar. Levou-nos nas caixas onde ficavam as bombas d'água e, em especial, no Beco do justo onde, segundo ele, era onde dava mais problema.

Mas, dessa vez, apesar de certamente importantes, eram problemas em bem menor número, comparativamente com as outras visitas. E o que chamava mais atenção, talvez por ser um final de tarde de uma sexta-feira era a animação nas ruas. Mulheres com cadeiras na calçada conversando. Carros passando, afinal o asfalto cobre a via central até o topo do morro, caminhões descarregando, o futebol que terminava no campinho do alto com um visual deslumbrante das praias da orla da baía. Era um que abria uma cerveja após um dia de trabalho, amigos sentados em torno de mesas e em bancos em uma pracinha. Dava mesmo vontade de ficar ali. Pedro Henrique logo perguntou pelos bailes. Yago disse que eram muito bons. O campeonato de futebol estava chegando à semi-final no outro final de semana, caso quiséssemos vir assistir. E os grafites eram mais constantes, dando uma curiosa identidade cultural à comunidade.



Caixa de esgoto transbordando entre as máquinas de lavar roupa; água jorrando na rua; encanamento exposto; detritos entre casas; encanamento improvisado; manutenção falha ao redor de uma das bombas d'água; menino Jesus negro?; grafite; tampa de fossa quebrada – fotos minhas

Pereira⁹ já percebera a disparidade entre a realidade vivida pelos seus alunos, moradores do Morro do Palácio, e a invisibilidade da comunidade nos discursos e representações da cidade. No entanto, apesar da remoção de favelas na orla de Niterói ao longo do século XX, o Morro do Palácio houvera sido a única comunidade a resistir às tentativas de total remoção. No entanto, o projeto do Caminho Niemeyer e a especulação imobiliária teriam acentuado diferenças morfológicas da orla, com a intensificação da verticalização edilícia, "escondendo" o morro da paisagem e contribuindo para sua imagem negativa. Para Souza¹⁰, de fato, o projeto Caminho Niemeyer, lançado em 1993 pelo prefeito Jorge Roberto Silveira, visava criar um complexo arquitetônico para turismo e cultura. No entanto, não conseguiu integrar a cidade histórica ao Aterrado Norte, tornando-se um espaço asséptico para turistas e consumidores, um exemplo de "planejamento estratégico" que focava na imagem em detrimento da integração social e urbana. Nesse sentido, áreas como Morro do Palácio passaram a ser invisibilizadas em prol de seguidos projetos urbanísticos patrocinados pelos sucessivos mandatários municipais, entre os quais os projetos de Operação Urbana Consorciada (OUC), que visavam "higienizar" o centro, tornando-o mais atrativo para o mercado e o turismo, desalojando a população de baixa renda. A OUC, dessa forma, reafirmava exemplos de outras operações que priorizaram a especulação imobiliária e a financeirização da produção do espaço, sem combater a segregação socioespacial.

⁹ PEREIRA, Angelo Fernando. *Representação e fragmentação do espaço urbano: uma perspectiva sobre o Morro do Palácio, Niterói*. Dissertação de Mestrado. Niterói RJ: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, 2020.

¹⁰ SOUSA, Daniel Mendes Mesquita de. *Limites e possibilidades das operações urbanas consorciadas: notas sobre o caso da área central de Niterói (RJ)*. Dissertação de mestrado. Niterói RJ: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, 2016.

Menezes¹¹, aluno da graduação de Direito da UFF, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, orientado por Ronaldo Lobão, detalha o papel do lazer na comunidade do Morro do Palácio. O estudo revela que o lazer é uma demanda prioritária para os moradores, superando até mesmo serviços básicos, e explora como espaços públicos como o Campo de Futebol e o Maquinho funcionam como centros vitais de socialização e desenvolvimento. Central para essa dinâmica é a Associação Esportiva e Cultural das Comunidades (AECCO), uma entidade criada para fomentar esporte e cultura, que atua como um agente transformador, organizando torneios e promovendo a integração entre diferentes comunidades. O trabalho conceitua o lazer não apenas como recreação, mas como um direito social e um vetor de desenvolvimento pessoal e social, capaz de promover mudanças significativas e desafiar as divisões urbanas.

Pedro Henrique perguntou a Yago se gostava de morar ali. Este disse que adorava, nascera e fora criado ali e não imaginava viver em outro lugar. No retorno, já próximo à Faculdade de Direito, perguntado se pretendia fazer o ENEM, Yago confessou que gostaria de estudar Direito. Foi para mim uma benção. Mais um, pensei, que, trazendo o Brasil real, poderia ajudar a revitalizar nossa escola querida. Mas Pedro Henrique, em seguida, chamou minha atenção para outra interpretação. Segundo ele, a resposta de Yago sobre querer cursar Direito lhe pareceu improvisada, como a de quem, com sagacidade, escolhe o primeiro curso que lhe vem à mente para encerrar logo uma conversa. A verdade é que Yago sonhava em ser cabeleireiro, uma profissão tão digna quanto a de jurista (inclusive, sua mãe não pôde nos acompanhar justamente por estar sob os cuidados de um). Ainda assim, ele titubeou ao falar sobre prestar o ENEM, o que revelava muito: mesmo estando tão perto da nossa universidade, moradores do Palácio ainda têm dificuldade de se imaginar ocupando o espaço acadêmico, que também deveria ser deles.

A comunidade, apesar de historicamente invisibilizada e marginalizada por discursos e projetos urbanísticos excludentes, revela talvez o inverso, pois, na sua simplicidade, construiu um bairro bom de morar. Claro, há ainda a questão do tráfico, mas essa é uma transformação que exige muito mais, inclusive melhor cognição social para entender que as redes de relacionamento permitem maior resiliência e sustentam culturas que resistem à metaplanificação e ao jogo expropriatório. Por outro lado, a experiência e as iniciativas de extensão da UFF, que vão desde a pesquisa sobre o lazer como direito social até a promoção de atividades esportivas, sublinham a importância de uma abordagem interdisciplinar e engajada. Tal abordagem não apenas mapeia as carências infraestruturais, mas, sobretudo, reconhece e potencializa o capital social, cultural e a agência política dos moradores, transformando a comunidade de objeto de estudo em co-construtora de conhecimento e de soluções para os desafios urbanos.



Visão da Baía de Guanabara; grafite em homenagem a Dona Nana – fotos minhas

A jornada pelos becos do Morro do Palácio, inicialmente marcada pela revelação das feridas abertas da infraestrutura precária, transmuta-se, sob o sol do entardecer, em um bonito espetáculo. O que outrora era apenas vazamento e detrito, ganha nova

¹¹ MENEZES, Gabriel Souza Cruz. *Análise das práticas de lazer no Morro do Palácio*. Trabalho de Conclusão de Curso. Niterói RJ: Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense, 2017.

cor e som na algaravia das ruas animadas: o burburinho das cadeiras na calçada, o eco dos gols no campinho, a promessa dos bailes futuros e a arte que pulsa em cada grafite – inclusive, a nostalgia de Dona Nana (soube depois que era carinhosa ao extremo, muito educada e fofa, amada por todos). É a ressonância da vida que se impõe, tecendo laços indissolúveis entre seus habitantes e o chão que os abriga. E nos olhos de jovens, onde o amor pelo morro se encontra com a estética dos cortes e penteados, reside não apenas a memória de um passado de resistência, mas a semente de um futuro onde a alma do Palácio, feita de gente e de luta, ainda vai mostrar a sua majestade.

4. Tecnologia Social “Multiportas”

Com base nas visitas de campo e com lastro, também, em diversas participações em reuniões, conselhos e conferências, onde reivindicações de lideranças de associações de moradores se manifestaram, elaboramos um exemplo hipotético para propor uma estratégia paulatina de ações. Desse modo, tomaremos o fictício Bairro da Encantada e a fictícia Associação de Moradores do Bairro da Encantada (AMBE) para planificar suas ações em um ambiente “multiportas”.

Tomamos, como diagnóstico inicial que, no Bairro da Encantada, em Niterói, os moradores enfrentam há anos problemas crônicos com o sistema de esgotamento sanitário. Há relatos frequentes de extravasamento de esgoto nas ruas durante períodos de chuva, mau cheiro constante em algumas áreas e, mais grave, a contaminação de um córrego local que deságua na Baía de Guanabara. Os impactos se estendem desde a desvalorização imobiliária e a perda da qualidade de vida, até sérias ameaças à saúde pública, como o aumento de doenças gastrointestinais, infecções de pele e a proliferação de vetores.

As tentativas individuais de acionar a concessionária de saneamento (Águas de Niterói) ou a Prefeitura, via canais de ouvidoria, resultavam em respostas padronizadas, lentidão na atuação corretiva e falta de uma solução definitiva para o problema sistêmico. A percepção era de que as reclamações eram tratadas como incidentes isolados, e não como a manifestação de uma falha estrutural que afetava a coletividade. Essa fragmentação das queixas, a assimetria de informação entre o cidadão e as grandes corporações/órgãos públicos, e a burocracia representavam o “gargalo” do acesso tradicional à resolução, gerando frustração e desempoderamento entre os moradores.

A Associação de Moradores do Bairro da Encantada (AMBE) entende de atuar como “Tecnologia Social Multiportas”, com os seguintes passos estratégicos:

1) A “Porta” da Consolidação Interna e Diagnóstico (Negociação/Facilitação Comunitária): a AMBE, percebendo a ineficácia das ações individuais, convoca reuniões com os moradores, utilizando-se de plataformas online e encontros presenciais na sede da associação. Nesta fase, que se parece com uma conversa interna ou um processo de organização da comunidade, a AMBE atua como o impulsionador. O objetivo é transformar as reclamações espalhadas em um pedido coletivo e com base em informações técnicas. Os moradores são incentivados a marcar os pontos onde o esgoto transborda, registrar a frequência e a intensidade dos problemas, coletar fotos e vídeos com a data, hora e localização exatas, e relatar os impactos na saúde. A AMBE pode chamar voluntários com conhecimento técnico (engenheiros civis, sanitaristas, biólogos, advogados e até pesquisadores sociais para ajudar nas estratégias de envolvimento) para fazer uma primeira avaliação, identificando possíveis causas (capacidade insuficiente da rede, ligações clandestinas, manutenções ruins, entupimentos) e sugerindo soluções técnicas. Essa etapa, que é uma iniciativa vinda dos próprios moradores e construída com a participação da comunidade, é fundamental para montar um dossiê (um conjunto de documentos) técnico e da comunidade bem completo, que define os objetivos claros da comunidade e fortalece sua posição antes de qualquer

conversa com órgãos externos. A organização interna da AMBE é essencial para administrar esse processo de forma transparente e unida.

2) A "Porta" do Diálogo Direto e Conciliação (com a Concessionária e Prefeitura): com o dossiê detalhado em mãos, a AMBE solicita reuniões formais com os diretores de operação e planejamento da Águas de Niterói e com as Secretarias Municipais de Urbanismo e de Meio Ambiente. Nesta "porta", a associação age como um conciliador da comunidade, buscando um acordo direto e consensual. Eles apresentam as evidências, detalham os impactos na vida dos moradores e na saúde pública, e discutem as propostas técnicas elaboradas. A AMBE negocia prazos, cronogramas de obras e ações de fiscalização. Por exemplo, a concessionária pode alegar limitações orçamentárias ou técnicas; a AMBE, então, pode propor um plano de obras por fases, priorizando as áreas mais críticas, ou a busca por financiamentos específicos e parcerias. O foco é na construção de soluções que sirvam para todos e na obtenção de compromissos claros e que possam ser verificados, que podem ser oficializados em um documento formal de compromisso, evitando que o problema se torne uma disputa judicial mais complicada. A capacidade da AMBE de representar a coletividade dá muito mais força a essas negociações.

3) A "Porta" da Mediação e Colaboração Ampliada (com Órgãos Reguladores e Fiscalizadores): se as negociações diretas não avançam ou se os compromissos não são cumpridos, a AMBE busca a participação de outros atores, funcionando como um mediador em um processo mais complexo e multi-institucional. Eles podem convidar representantes da Agência Reguladora de Serviços Públicos de Niterói (ASERP), que tem o papel de fiscalizar o contrato de concessão; do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ) – em suas promotorias de Meio Ambiente ou Defesa do Consumidor –, que atua na defesa dos direitos difusos e coletivos; e até mesmo do Instituto Estadual do Ambiente (INEA), responsável pelo licenciamento e fiscalização ambiental. O objetivo é que esses órgãos atuem como facilitadores ou mediadores externos, exigindo transparência, fiscalizando o cumprimento das obrigações contratuais da concessionária e auxiliando na construção de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC) ou outro instrumento legalmente vinculante. Um TAC estabelece ações específicas, prazos e punições por não cumprimento, com acompanhamento público. A associação atua para manter o foco na solução do problema, administrando as complexas interações entre as diversas partes interessadas, tanto públicas quanto privadas, garantindo a responsabilidade de todos os envolvidos.

4) A "Porta" da Advocacia Informada e Pressão Pública (antes da Judicialização): em um cenário de persistência dos problemas e esgotamento das vias consensuais e regulatórias diretas, a AMBE pode lançar mão de estratégias de advocacia pública e pressão organizada. Isso pode incluir a organização de manifestações pacíficas, a criação de um abaixo-assinado com centenas de nomes, a divulgação da situação na mídia local e nacional (com comunicados à imprensa, campanhas em redes sociais e até documentários curtos), e a busca por apoio de políticos (vereadores e deputados) para que intercedam junto ao governo municipal e à empresa. A AMBE usa dados e histórias marcantes para convencer a opinião pública. Embora seja uma forma de "pressão", ela é diferente de uma ação judicial e busca promover uma solução negociada, usando a voz do povo e a visibilidade. Esse caminho é uma estratégia para mostrar a força da mobilização comunitária e acelerar a tomada de decisão por parte das autoridades, ainda no processo de resolução fora dos tribunais, mantendo sempre a credibilidade e a ética na comunicação.

5) A "Porta" da Via Judicial (Último Recurso, Embasado por Todo o Processo): somente depois de tentar todos os outros caminhos de diálogo, acordo, intermediação e pressão pública, e se os problemas persistirem, a AMBE, com apoio jurídico (muitas vezes gratuito ou em parceria com universidades), pode considerar entrar com uma Ação Civil Pública (ACP) em nome dos moradores ou apoiar ações individuais para reparação de danos. Nesse momento, todo o histórico de tentativas de diálogo, os dossiês técnicos elaborados, os compromissos não cumpridos, as atas de reunião e as

provas documentadas pelos moradores e pela associação fortalecem muito a posição legal da comunidade. Isso torna o caminho judicial um último recurso plenamente justificado e bem fundamentado, diminuindo os riscos e custos que são comuns em processos judiciais longos e complicados. O objetivo final continua sendo a solução verdadeira do problema, e não apenas a vitória legal, com a possibilidade de criar exemplos importantes para outras comunidades.

Neste exemplo, a AMBE, ao assumir o papel de catalisador e gestor de conflitos, age como um verdadeiro "sistema multiportas". Ela evita que cada morador tenha que, individualmente, enfrentar a burocracia e a ineficácia do sistema tradicional. Ao oferecer e gerenciar diversas "portas" de diálogo e resolução (desde a organização interna e o diagnóstico comunitário, até a negociação com múltiplos níveis do poder público e concessionárias, e a eventual judicialização), a associação promove a eficiência, a desjudicialização e a construção de soluções mais adequadas e duradouras para os complexos problemas de saneamento básico.

Este modelo tem meramente a proposta de promover o fortalecimento da atuação de associações de moradores e otimizar a eficácia do acesso aos mecanismos judiciais e às provisões públicas. Mediante uma abordagem colaborativa e prospectiva, concorre para a consolidação de uma governança participativa caracterizada por maior organização e capacidade de resposta no âmbito da administração democrática local, propiciando a resolução de problemas cotidianos de maneira prática e organizada.

Considerações finais

A análise das realidades do Morro da Chácara e do Arroz, do Morro do Estado e do Morro do Palácio em Niterói revela um contraste gritante entre a imagem de "cidade-modelo" e as profundas deficiências de saneamento e infraestrutura que permeiam suas comunidades periféricas. O estudo sublinha a persistência de problemas como vazamentos de esgoto, fiação precária e riscos geológicos, que afetam diretamente a saúde e a qualidade de vida dos moradores. No entanto, mais do que um retrato das carências, a pesquisa expõe a notável resiliência, organização e vitalidade cultural dessas comunidades, que, apesar da invisibilidade e da negligência, persistem na luta por dignidade e reconhecimento, evidenciando a força do capital social e da agência local na construção de um cotidiano mais habitável.

Nesse contexto, a proposição da estratégia "multiportas" para as associações de moradores surge como um modelo pragmático para a superação dos gargalos burocráticos e a promoção de soluções eficazes para o saneamento básico. Ao delinear um caminho que vai da organização interna e diagnóstico comunitário até a eventual judicialização, passando pelo diálogo, conciliação e pressão pública, o estudo não apenas oferece um roteiro para a atuação dessas entidades, mas também reforça a importância da mobilização coletiva e da colaboração interinstitucional. A capacidade de articular dados técnicos com a vivência dos moradores, transformando queixas individuais em demandas coletivas e bem fundamentadas, é crucial para fomentar uma governança mais participativa e equitativa, onde a voz das comunidades seja ouvida e seus direitos efetivamente garantidos.

Referências

NÚCLEO DE ESTUDOS E PROJETOS HABITACIONAIS E URBANOS (NEPHU). *Morro da Chácara e do Arroz*. <http://nephu.sites.uff.br/programa/mapeando-conflitos/mapeando-comunidades/comunidades-de-niteroi/morro-da-chacara-e-do-arroz/>

SALLES, Stéfano. Chuvas fortes agravam drama de moradores do Morro do Arroz, em Niterói: prefeito libera R\$ 15 milhões para obras, que aguardam as licitações. *O Globo*, 05/03/2018. Disponível em <https://oglobo.globo.com/rio/bairros/chuvas-fortes-agravam-drama-de-moradores-do-morro-do-arroz-em-niteroi-22452310>

MARTINS, Felipe. Tiroteio no Morro do Estado, em Niterói, obriga shopping a fechar as portas. *O Dia*, 23/04/2024. <https://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2014-04-23/tiroteio-no-morro-do-estado-em-niteroi-obriga-shopping-a-fechar-as-portas.html>

ALBERNAZ, Elizabete. Favelas de Niterói. Wiki Favelas. https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Favelas_de_Niter%C3%B3i#sdfootnote14sym

TV BRASIL. Você sabe o porquê do nome "santinho" para panfletos políticos. <https://www.youtube.com/watch?v=bAq4UvuUTAk>

PEREIRA, Angelo Fernando. *Representação e fragmentação do espaço urbano: uma perspectiva sobre o Morro do Palácio, Niterói*. Dissertação de Mestrado. Niterói RJ: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, 2020.

SOUSA, Daniel Mendes Mesquita de. *Limites e possibilidades das operações urbanas consorciadas: notas sobre o caso da área central de Niterói (RJ)*. Dissertação de mestrado. Niterói RJ: Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense, 2016.

MENEZES, Gabriel Souza Cruz. *Análise das práticas de lazer no Morro do Palácio*. Trabalho de Conclusão de Curso. Niterói RJ: Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense, 2017.